



## CONCEPÇÕES DE PROFESSORES/AS NO BRASIL E EM PORTUGAL SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL PARA ALUNOS/AS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL<sup>22</sup>

Ana Cláudia Bortolozzi Maia\* & Teresa Vilaça\*\*

\*Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/UNESP (Brasil)

\*\*Universidade do Minho (Portugal)

### RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as concepções de professores e professoras no contexto brasileiro e português sobre a sexualidade e a educação sexual de pessoas com deficiência intelectual. Este estudo baseia-se no modelo social da deficiência e na defesa dos direitos sexuais e reprodutivos dessa população, muitas vezes negligenciados nos processos de educação sexual. A revisão de literatura aponta para uma precária formação de professores nesta área, e tem vindo a mostrar que as concepções advindas da história de vida e prática profissional docente direcionam-nos/as para ações favoráveis, ou não, sobre o processo de educação sexual de alunos/as com deficiência intelectual. As deficiências não implicam a existência de impedimentos definitivos que excluam a dimensão da sexualidade inerente ao ser humano, no entanto, a manutenção de crenças sociais pode contribuir para as dificuldades que são impostas socialmente à vida afetiva e sexual das pessoas com deficiência intelectual. Os dados deste estudo descritivo-exploratório foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada, previamente validada, realizada individual e anonimamente a professores e professoras de escolas públicas no Brasil (n=30) e em Portugal (n=30), de diferentes disciplinas e anos de escolaridade, através de uma amostra de conveniência. A interação verbal foi transcrita na íntegra, para posterior análise de conteúdo, em categorias emergentes temáticas. Os resultados preliminares agrupam sub categorias em dois eixos de análise: (1) Percepções dos/as professores/as sobre a ocorrência de comportamentos sexuais de alunos/as com deficiência intelectual e (2) Atitudes dos/as professores/as e da escola diante comportamentos sexuais de alunos/as com deficiência intelectual. A fase de comparação entre as concepções dos/as professores/as dos dois países ainda está a ocorrer. Almeja-se perceber se as suas concepções indicam condições favoráveis ou desfavoráveis para processos de educação em sexualidade na educação especial e inclusiva.

**Palavras chaves:** Educação Sexual; Deficiência Intelectual; Educação Inclusiva

<sup>22</sup> Esta investigação está sendo realizada como um pós-doutoramento, financiado pela agência de fomento brasileira FAPESP (Processo n. 2016/14382-0).

## CONCEPTIONS OF TEACHERS IN BRAZIL AND PORTUGAL ON SEXUAL EDUCATION FOR STUDENTS WITH INTELLECTUAL DISABILITIES

### ABSTRACT

This research aims to analyse the conceptions of teachers in the Brazilian and Portuguese contexts on sexuality and the sexual education of people with intellectual disabilities. This study is based on the social model of disability and the defence of the sexual and reproductive rights of this population, often neglected in the processes of sexual education. The literature review points to a precarious formation of teachers in this area, and has been showing that the conceptions arising from life history and professional teaching practice direct us to actions favourable or not, on the process of sexual education of students with intellectual disabilities. The disabilities do not imply the existence of definitive impediments that exclude the dimension of the inherent sexuality of the human being, however, the maintenance of social beliefs can contribute to the difficulties that are socially imposed to the affective and sexual life of the people with intellectual disability. The data of this descriptive-exploratory study were collected through a semi-structured interview, previously validated, carried out individually and anonymously to teachers of public schools in Brazil (n= 30) and Portugal (n=30) of different subjects and years of schooling, through a convenience sample. The verbal interaction was verbatim transcribed, for later content analysis, in emergent thematic categories. Preliminary results group the sub categories into two axes of analysis: (1) teachers' perceptions about the occurrence of sexual behaviours of students with intellectual disabilities and (2) teachers' and other individuals of the school attitudes towards the sexual behaviours of students with intellectual disabilities. The comparison phase between the conceptions of the teachers of the two countries is still going on. It is sought to understand if their conceptions indicate favourable or unfavourable conditions for the processes of sexuality education in special and inclusive education.

**Keywords:** Sexual Education; Intellectual Disability; Inclusive education

### 1 INTRODUÇÃO

Atender as prerrogativas de uma sociedade inclusiva requer a educação integral de todos/as indivíduos, em quaisquer condições do seu desenvolvimento e em todos os aspectos da sua vida. Um desses aspectos é a sexualidade humana, que constitui parte inerente de todo ser humano e se manifesta no plano orgânico, permeado de representações e significados sociais e culturais. Falar de sexualidade é um “tabu” em muitos contextos, ainda mais, quando associada às condições das diferentes deficiências. Isso reflete nas resistências e dificuldades de muitos/as professores/as em compreenderem essa temática como um

conteúdo, entre outros, no currículo das disciplinas e na escola como um todo e do seu papel importante como educador/a sexual.

Este artigo descreve uma investigação, qualitativa-descritiva, que tem como objetivo analisar as concepções de professores e professoras no contexto brasileiro e português sobre a sexualidade e a educação sexual de pessoas com deficiência intelectual. Partimos de referenciais teóricos que defendem o “modelo social” da deficiência e os direitos sexuais e reprodutivos dessa população, muitas vezes negligenciados nos processos de educação inclusiva.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A deficiência é uma condição estigmatizante que se refere a uma série de condições que limitam a vida de uma pessoa ao longo do seu desenvolvimento, sendo marcada como uma “diferença” a partir de um julgamento social de desvantagem social colocado em função de um padrão de “normalidade” (Maia, 2006; Omote, 2008). Mesmo que a deficiência implique uma “diferença” funcional orgânica, a limitação é vivenciada em um contexto social, ou seja, entendemos a deficiência a partir de um modelo social (Mitchell & Synder, 1997; Siebers, 2008), na medida em que são as barreiras sociais (arquitetônicas e/ou atitudinais, por exemplo) que colocam a pessoa em desvantagem em relação às demais pessoas.

A deficiência é uma “marca” na pessoa, um estigma, tal como diz Goffman (1988), que marca a pessoa como “incapaz”, não só nas limitações oriundas da sua deficiência, mas de modo generalizado nas outras esferas da sua vida, tal como a expressão da sua sexualidade. Para East e Orchard (2013) esse estigma é construído por preconceitos associados a essa população, que acabam por significar uma barreira que dificulta a compreensão e o respeito da sociedade pelas pessoas com deficiência como seres sexuais. A expressão da sexualidade entre as pessoas com deficiência não pode mais continuar a ser ignorada, pois cada vez mais temos tido relatos de pessoas com deficiência sobre as suas emoções, necessidades, desejos e expectativas de envolvimento amoroso e sexual e é urgente garantir-lhes condições para a vivência da sua sexualidade (Glat & Freitas, 2007; Maia, 2016; Pereira & Vilaça, 2012, 2014; Schwier & Heighway, 2007; Vieira & Coelho, 2014). As pessoas com deficiência, assim como qualquer outra pessoa, têm a sexualidade como um aspecto inerente à sua personalidade, mas ainda é escassa a preocupação dos diversos profissionais em atender às suas necessidades nesse campo (Anderson, 2000; Couwenhoven, 2007; Kaufman, Silverberg & Odette, 2003; Maia, 2006).

Grande parte das dificuldades de professores, de familiares e da comunidade em geral, em aceitar a natureza sexual de pessoas com deficiência intelectual, decorre de concepções preconceituosas e desinformações sobre as reais potencialidades na vivência das suas sexualidades (East & Orchard, 2013; Maia & Aranha, 2005; Maia, Reis-Yamauti; Schiavo, Capellini & Valle, 2015; Maia & Ribeiro, 2010).

Em decorrência dessas desinformações alimentam-se crenças ("mitos") sobre a sexualidade quando há uma deficiência. Existem dois grandes mitos comuns em relação à sexualidade de pessoas com deficiência intelectual que colaboram para que ela seja entendida como atípica ou "diferente" das demais pessoas sem deficiência: a que pessoas com deficiência intelectual são consideradas assexuadas ou que seriam consideradas hipersexuadas (Giami, 2004; Heighway & Webster, 2008; Kaufman et al., 2003; Maia & Ribeiro, 2010). Vários estudos evidenciam que a visão de uma sexualidade atípica e, muitas vezes, exagerada das pessoas com deficiência intelectual, acontece devido à visibilidade pública de comportamentos considerados inadequados socialmente, tais como, masturbação, exibicionismo, assédios, etc. e esses comportamentos são comuns, não em decorrência da deficiência em si, mas pela falta de cuidados e educação constante para que eles/as percebam as regras sociais, desenvolvam a assertividade, e aprendam a expressar o erotismo de modo a não reforçar a ideia de atipia (Anderson, 2000; Couwenhoven, 2007; Glat & Freitas, 2007; Kaufman et al, 2003; Maia, 2012; Morales e Batista, 2010; Schwier & Hingburger, 2007).

A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2006) preconiza que todas as pessoas têm os mesmos direitos de receberem informações relevantes e terem a garantia dos serviços de saúde sexual e reprodutiva. No entanto, como afirmam Gesser e Nuernberg (2014) a violação desses direitos tem a ver com as barreiras atitudinais, isto é, preconceitos e ações discriminativas. Um modo de contribuir para reverter esse quadro é investir para que todos/as os/as jovens com deficiência intelectual tenham acesso à educação sexual (Anderson, 2000; Couwenhoven, 2007; Heighway & Webster, 2008; Schiwer & Hingsburger, 2007; Vilaça, 2016; Walker-Hirsch, 2007; Wilson & Burns, 2011).

Vários autores defendem que a educação sexual é uma necessidade para as pessoas com deficiência intelectual, pois elas têm menos informações, expressam comportamentos inadequados por falta de orientação e são mais vulneráveis (Hatton & Tector, 2010; Maia, 2012). A educação sexual para alunos/as com deficiência intelectual deve ter os mesmos objetivos de outros programas, e o/a professor/a deve prepara-se para adequar os recursos e procedimentos necessários para garantir a aprendizagem de todos/as (Couwenhoven, 2007; Heighway & Webster, 2008; Maia, 2012; Schwier & Hingsburger, 2007; Walker-Hirsch, 2007; Wilson & Burns, 2011). No entanto, é comum que os/as professores/as sintam dificuldades para

lidar com a expressão da sexualidade de alunos/as com deficiência intelectual e ajam ignorando as suas ocorrências ou reprimindo-as (Albuquerque & Almeida, 2010; Maia & Aranha, 2005). O diálogo e a oferta de uma educação sexual não costuma ocorrer, em grande medida, porque os professores/as não sabem o que dizer, como fazer, e que implicações terá essa educação sexual.

É comum, infelizmente, quer no Brasil quer em Portugal, que os professores/as não tenham tido na sua formação inicial e continua formação sobre o conteúdo da sexualidade e educação sexual, especialmente para atuarem com alunos/as com deficiência intelectual (Heighway & Webster, 2008; Maia et al., 2015; Maia & Aranha, 2005; Vilaça, 2016; Walker-Hirsch, 2007). Para sanar essa lacuna deve investir-se na formação dos/as professores/as que realizam esses processos educativos.

Antes, porém, de uma formação contínua de professores/as sobre educação sexual, sexualidade e deficiência intelectual, é necessário investigar como é que os/as professores/as percebem a expressão da sexualidade dos seus alunos/as com deficiência e as suas concepções sobre sexualidade e educação sexual para esses/as alunos/as, pois disso depende a disposição para atuarem de modo eficaz como agentes de educação sexual.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA

Esta pesquisa qualitativa é descritiva e exploratória (Spata, 2005) e está ainda em andamento. Todos os procedimentos éticos em pesquisas com seres humanos foram respeitados e a pesquisa foi realizada com parecer favorável de Comitês de Ética.

O instrumento de coleta de dados é uma entrevista semiestruturada, elaborada pelas autoras e previamente validada. A sua aplicação ocorreu numa sala reservada, de modo individual e anonimamente. Os participantes são professores e professoras no Brasil (n=30) e de Portugal (n=30), de diferentes disciplinas e anos de escolaridade de escolas públicas, ainda em recrutamento (amostra de conveniência).

A interação verbal é transcrita na íntegra, para posterior análise de conteúdo, em categorias emergentes temáticas. O procedimento de análise utilizado é a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

### 4 RESULTADOS PRELIMINARES

A pré análise das entrevistas realizadas apontam para vários temas que representam as sub-categorias: observação de comportamentos sexuais considerados inadequados, (hipersexualidade ou assexualidade) nas pessoas com deficiência intelectual; percepção de que há desejo e interesse amoroso e sexual nesses/as alunos/as; dificuldades em dialogar e esclarecer questões da sexualidade; falta de formação para assumir a educação sexual, preocupação com a opinião da família dos alunos/as e a necessidade de apoio dos agentes escolares para efetivar programas de educação sexual na escola. Essas sub-temáticas convergem para os dois eixos de análise abaixo referidos.

#### **4.1. Percepções dos/as Professores/as Sobre a Ocorrência de Comportamentos Sexuais de Alunos/as Com Deficiência Intelectual**

Foi comum que os professores/as relatarem ocorrências sobre sexualidade entre os seus alunos/as com deficiência intelectual. Geralmente esses comportamentos foram considerados inadequados no contexto da escola: exibicionismo, agressão, auto manipulação e toques/assédio indevidos. Além disso, a expressão da sexualidade nos/as alunos/as com deficiência intelectual foi apontada pela maior parte dos/as inquiridos/as como um “problema”. Os mitos e crenças apontados na literatura foram reproduzidos também entre alguns desses/as professores/as. O mito da assexualidade apareceu, quando esses/as professores/as percebiam os seus/as alunos/as como ingênuos ou quando diziam que não teriam interesse sexual, como os demais colegas. Já o mito da hipersexualização apareceu, quando alguns professores/as visualizam esses comportamentos como exagerados ou perceberam-nos de modo diferente dos mesmos comportamentos nos demais alunos/as.

Há também relatos que explicitaram a percepção de alguns professores/as de que os/as alunos/as com DI desejam namorar, beijar e ter uma vida sexual futura, mas essa expressão foi vista também sob o ponto de vista das representações de atipia, seja por ser considerada “infantilizada” e/ou “fantasiosa”, ou por ser um comportamento “perigoso” (no sentido de contágio de doenças, gravidezes indesejadas ou violências). Nos dois contextos há relatos de verbalizações, toques indevidos, beijos e desejo de namorar. Como as análises ainda estão em andamento, é possível que haja diferenças ainda não identificadas.

## 4.2 Atitudes dos/as Professores/as e da Escola Diante Comportamentos Sexuais de Alunos/as com Deficiência Intelectual

Todos os professores/as entrevistados relataram que tentam lidar com a ocorrência dos comportamentos considerados inadequados dos/as alunos/as com deficiência intelectual, quer seja conversando com eles/as quer seja contendo-os. No entanto, referiram que essa intervenção aconteceu quase sempre de improviso, sem segurança teórica-prática, seguindo as suas intuições e bom senso pessoal. Não foi comum estes/as professores/as perceberem a importância da educação sexual preventiva, isto é, a necessidade de haver programas de educação sexual na escola, assim como para os demais alunos/as, prevenindo essas possíveis ocorrências.

Também houve alguns relatos de um grande receio em abordar esse assunto. Estes/as professores/as assumiram que falar de sexualidade e sexo é difícil, inclusive para os alunos/as que não tenham deficiência. Essa dificuldade apareceu relacionada com diferentes fatores: uma expressão pessoal (pela própria história de vida com uma educação sexual conservadora, moralista ou omissa), uma falta de formação acadêmica (não saber como fazer por não ter tido cursos, experiências e aprendizagem na área) ou, ainda, a preocupação em relação à reação da família e à necessidade de apoio.

Uma diferença que apareceu no contexto português foi uma preocupação dos/as professores/as com os demais alunos/as da sala. Ao relatarem os comportamentos dos alunos/as com deficiência como tocar o/a outro/a colega, querer namorar e beijar sem a permissão, etc., houve uma preocupação dos/as professores/as em conversar e explicar aos demais alunos sobre as dificuldades de compreensão do/a aluno/a com DI.

## 5 DISCUSSÃO

Quer os dados encontrados no Brasil quer em Portugal reiteram vários resultados de outros estudos no sentido de evidenciar que entre os/as professores/as ainda existem mitos sobre a sexualidade dos/as alunos/as com deficiência intelectual (Anderson, 2000; Giami, 2004; Heighway & Webster, 2008; Kaufman et al, 2003, Maia & Ribeiro, 2010). No entanto, os/as inquiridos/as neste estudo nos dois países reconhecem a expressão da sexualidade desses/as alunos/as na escola, apesar de a apontarem como um "problema", devido a comportamentos considerados inadequados, tal como encontrado anteriormente no estudo de Maia e Aranha (2005).

Os/as professores/as também consideram que os/as alunos/as com deficiência intelectual têm os mesmos direitos de receber educação sexual, mas não faziam e/ou sentiam muita dificuldade em fazê-lo, tal como também observaram Wilkenfeld e Ballan (2011). Estes resultados mostram a importância da capacitação docente em cursos de formação (Albuquerque & Almeida, 2010; Maia et al. 2015).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar as concepções, dificuldades e expectativas de professores/as sobre a sexualidade de alunos/as com deficiência intelectual pode contribuir para identificar elementos que precisam ser trabalhados na formação de professores/as para atuarem na educação sexual em escolas inclusivas. Os dados deste estudo ainda estão em análise e a comparação entre a realidade dos/as professores/as no Brasil e em Portugal ainda não foi aprofundada, apesar de haver indícios de que eles/as reproduzem as mesmas concepções.

## 7 REFERÊNCIAS

- Albuquerque, P.P., & Almeida, M.A. (2010). Sexualidade e deficiência intelectual: um curso de capacitação de professores. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 91, 408-423.
- Anderson, O.H. (2000). *Doing what comes naturally? Dispelling myths and fallacies about sexuality and people with developmental disabilities*. Illinois/USA: High Tide Press.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro, trad.). Lisboa: Edições 70.
- Couwenhoven, T. (2007). *Teaching children with Down Syndrome about their bodies, boundaries and sexuality - a guide for parents and professionals*. Bethesda/USA: Woodbine House.
- East, L. J. & Orchard, T.R. (2013) Somebody Else's Job: Experiences of Sex Education among Health Professionals, Parents and Adolescents with Physical Disabilities in Southwestern Ontario. *Sex Disabil*, 32, 335-350.
- Gesser, M., & Nuernberg, A. H. (2014). Psicologia, Sexualidade e Deficiência: novas perspectivas em Direitos Humanos. *Revista Ciência e Profissão*, 34(4), 850-863.

- Giami, A. (2004). *O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição* (Tradução Lydia Macedo). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Glat, R., & Freitas, R.C. (2007). *Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema. Questões Atuais em Educação Especial*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- Goffman, E. (1998). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Hatton, S. & Tector, A. (2010). Sexuality and Relationship Education for young people with autistic spectrum disorder: curriculum change and staff support. *British Journal of Special Education*, 27 (2), 69-76.
- Heighway, S.M., & Webster, S.K. (2008). *S.T.A.R.S.- A Social Skills training Guide for teaching assertiveness, relationship skills and sexual awareness*. Texas: Future Horizons, Inc.
- Kaufman, M., Silverberg, C., & Odette, F. (2003). *The ultimate guide to sex and disability – for all of us who live with disabilities, chronic pain e illness* (2ª ed.). Califórnia/USA: Cleis Press.
- Maia, A.C.B.; Reis-Yamauti, V.L.; Schiavo, R.A.; Capellini, V.L.M.F. & Valle, T.G.M. (2015). Teacher opinions on sexuality and Sexual Education of students with intelectual disability. *Estudos de Psicologia*, 32(3), 427-435.
- Maia, A.C.B (2006). *Sexualidade e Deficiências*. São Paulo: Ed. Unesp.
- Maia, A.C.B. (2012). A Educação Sexual de pessoas com deficiência intelectual. *Revista ELO do Centro de Formação Francisco de Holanda Guimarães*, 19(1), 103-108.
- Maia, A.C.B. (2016). Vivencia da sexualidade a partir do relato de pessoas com deficiência intelectual *Psicol. estud*, 21(1): 77-88.
- Maia, A.C.B., & Aranha, M.S.F. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interação*, 9(1), 103-116.
- Maia, A.C.B., & Ribeiro, P.R.M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16, 169-176.

- Mitchell, D. T. & Snyder, S. L. (1997). Introduction- disability studies and the double bind of representation. In D.T., Mitchell, & S. L., Snyder (Orgs). *The Body and Physical Difference. Discourses of disability* (pp. 1-31). Michigan, USA: University of Michigan.
- Morales, A. S., & Batista, C. G. (2010). Compreensão da Sexualidade por Jovens com Diagnóstico de Deficiência Intelectual. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 235-244.
- Omote, S. (2008). Diversidade, Educação e Sociedade Inclusiva. In A. A. S., Oliveira, S. Omote, & C.R.M., Giroto (Eds.), *Inclusão Escolar: as contribuições da educação especial* (pp. 15-32). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora/ Marília: FUNDEPE Editora.
- Pereira, T.A.R., Vilaça, T. (2012). Percepções sobre a abordagem educativa na reabilitação da sexualidade em contexto hospitalar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 7(2), 14-31.
- Pereira, T.A.R.. & Vilaça, T (2014). Satisfação sexual de homens com lesão vertebro-medular. In P.R.M. Ribeiro, A.C.B. Maia, C.R. Rossi, F. Teixeira, I. Chagas, I. Martins, M.N.D. Figueiró, S.M.de M. Melo, T. Vilaça (Org.), *Sexualidade, Gênero e Educação Sexual: Diálogos Brasil – Portugal* (pp. 36-55). Araraquara, SP: Publicações CIEd: Padu Aragon.
- Schwier, K.M., & Hingsburger, D. (2007). *Sexuality - your sons and daughters with intellectual disabilities* (3ª ed.). Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co.
- Siebers, T. (2008). *Disability Theory*. Michigan, USA: University of Michigan.
- Spata, A. (2005). *Métodos de Pesquisa – ciência do comportamento e diversidade humana* (Tradução de A.B. Pinheiro de Lemos). Rio de Janeiro: LTC.
- Vieira, C. M., & Coelho, M. A. (2014). Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 7(13), 201-211.
- Vilaça, T. (2016). InterAção no núcleo da promoção de sexualidades saudáveis: competência para a ação e uso das tecnologias de informação e comunicação na escola. *Revista Linhas*, 17(34), 28-57.
- Walker-Hirsch, L. (2007). Sexuality Education and Intellectual Disability across the Lifespana developmental, social and education perspective. In L., Walker-Hirsch. *The Facts of Life... and more-sexuality and intimacy for people with intellectual disabilities* (pp. 3-28). London: Paul H. Brookes Publishing Co.

WHO, World Health Organization (2006). *Defining sexual health*: Report of a technical consultation on sexual health, 28–31 January 2002. Geneva: WHO.

Wilkenfeld, B. F. & Ballan, M. S. (2011). Educators' attitudes and beliefs towards the sexuality of individuals with developmental disabilities. *Sex Disabil*, 29, 351-261.

Wilson, R.J., & Burns, M. (2011). *Intellectual Disability and Problems in Sexual Behaviour – assessment, treatment and promotion of healthy sexuality*. Massachusetts, USA: NEARI Press.

LISBOA,

6 7 E 8 DE JULHO DE 2017

# V CONGRESSO INTERNACIONAL

EDUCAÇÃO, INCLUSÃO  
E INOVAÇÃO

## ATAS

PARTE I – TEXTOS  
COMPLETOS

COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELÊNCIA



*O Presidente da República*

# V Congresso Internacional EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E INOVAÇÃO 2017

## TEXTOS COMPLETOS



## FICHA TÉCNICA

Livro de Atas do V Congresso Internacional da Pró-inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial - "EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E INOVAÇÃO".

Parte I – Textos Completos.

### Organização

Pró-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial – Portugal

### Editores

Luzia Lima-Rodrigues

David Rodrigues

Lília Aguardenteiro Pires

Margarida Loureiro

### Designer

Christina Rebouço

### ISBN

ISBN: 978-989-97306-1-8

### Edição

Pró-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial

Lisboa, Portugal, 2017 | [www.proandee.weebly.com](http://www.proandee.weebly.com)

Suporte: eletrónico

Formato: PDF / PDF/A

### Nota Editorial

Os textos completos e os respetivos resumos publicados neste livro de atas, partes I e II, não seguem obrigatoriamente o acordo ortográfico. A ortografia, assim como a grafia, a opinião e a idoneidade dos textos são única e exclusivamente da responsabilidade dos seus autores.

## APOIOS

